

Jamison trocou lua de mel por Natal

Marshall Jamison estava em lua de mel em Porto Rico, onde havia uma base americana, quando um sargento lhe perguntou enfático:

- Onde você estava? O comandante quer falar com você!

- Sargento, eu estou de licença e acabei de me casar.

- Bom, eu estou te avisando. É melhor você ir ver o comandante agora.

Com o comandante, Jamison tentou argumentar da mesma maneira, lembrando que ainda estava aproveitando a sua lua de mel.

- Você estava de licença - disse fortemente o comandante - Você recebeu ordens de transferência. Olhe, eu nunca vi nada como isso!

A mensagem, vinda de Washington D.C. determinava que Jamison deveria pegar o primeiro avião militar ou comercial para tarefas temporárias fora dos limites continentais dos EUA. O comandante ainda falou a Jamison, então 2º Tenente, que sabia que ele já estava "fora dos limites continentais

dos EUA", mas "ordens são ordens" e ainda que iria requisitar um voo para o tenente ainda naquela tarde.

O 2º Tenente, casado a apenas seis dias, pediu mais um dia de lua de mel ao comandante. E foi dado.

Já em Washington, Jamison foi informado que iria para Serra Leoa, na África. Ele foi à biblioteca do Congresso Americano pesquisar sobre o lugar e via trechos trechos como "cemitério de estrangeiros", "túmulo de imigrantes", ou ainda "túmulo de imigrantes" e também "lugar repleto de doenças mortais". "Vou ter que aproveitar meus últimos momentos com minha esposa", chegou a pensar.

Quando ocorreu o bombardeio à base de Pearl Harbor (7 de dezembro de 1941), Jamison estava em Washington. Três dias depois, sua transferência foi modificada de Serra Leoa para Natal. "Saf da possibilidade de pegar uma doença mortal para ir para um dos lugares mais prazerosos do mundo e um dos climas mais saudáveis do planeta".

Billy Goodell/Divulgação

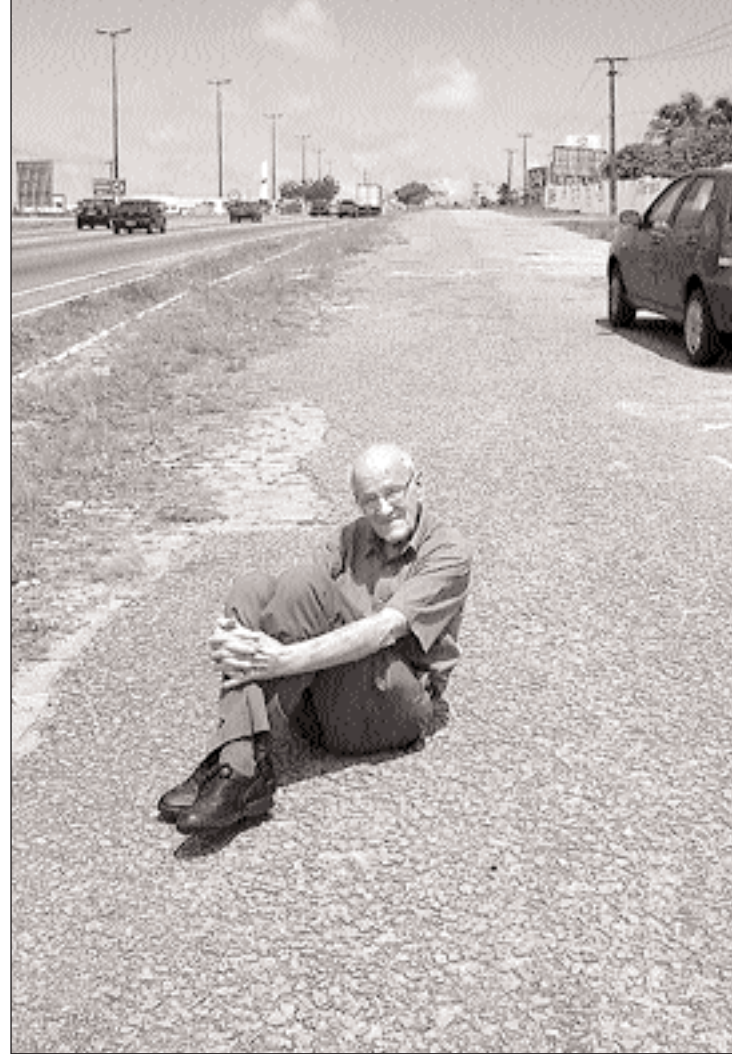


Soldados americanos durante o cotidiano na Base Aérea de Parnamirim Field

Goiabada com queijo não sai da memória

Com a reportagem na tarde de quinta-feira, Jamison foi ao seu primeiro "destino turístico", o prédio onde funcionava o Grande Hotel, que hoje operam os Juizados Cíveis. Na sala onde ficava o restaurante do hotel, ele disse que as janelas continuam as mesmas, mas com "quase certeza" o piso tinha mudado. "Parece que a área do prédio está diferente. Ele era mais simples". "Sempre gostei da comida daqui", disse ele, afirmando gostar muito do peixe servido no almoço. "Aqui aprendi a gostar de doce e queijo", revela ele, referindo-se à combinação conhecida como Romeu e Julieta (doce de goiaba com queijo). Por sinal, ele só foi saber que o arranjo tinha esse nome durante a visita. O caminhar pelos corredores do prédio era sempre pontuada por um "que coisa gostosa, estou muito feliz" ou um "que interessante". Ele mesmo localizou o quarto onde ficou em 1941, onde hoje funciona a 10ª Secretária da Vara Cível. "Era assim mesmo, mas acho que mudaram o piso de todos os cômodos", sublinhou. Jamison atraiu as atenções dos funcionários do Juizado. A ASG, Vanúzia Batista dos Santos, 48, disse que "um ser humano com essa história a gente tem que conhecer, não é. Será que ele quer uma esposa?", adiantou-se Vanúzia.

Manoel Gentil/Divulgação



Jamison senta-se na primeira pista asfaltada de Natal, feita pelos americanos

Pesquisadores resgatam participação de Natal na guerra

Os pesquisadores Manoel Gentil Marinho Neto, 42, natalense e Frederico Nicolau, 43, paulista, são dois apaixonados por tudo referente à passagem dos americanos em Natal durante a guerra. "Há aproximadamente 10 anos, nos conhecemos pela internet. Estávamos em um chat sobre história e eu percebi que ele fazia praticamente as mesmas perguntas que eu, ou seja, informações sobre Parnamirim e Natal durante a Segunda Guerra Mundial", disse Marinho Neto.

Os dois se aproximaram através de contato telefônico. Nicolau é filiado à Associação Internacional de Aero-Modelismo e através dela conseguiu se comunicar com um filho de um militar americano (Billy Godel) que viveu em Natal. "Através de Billy Godel começamos a ter mais espaço perante os militares que residiram aqui, sendo crucial para a evolução do nosso trabalho". A grande maioria dos custos dos contatos com os americanos provém dos próprios pesquisadores.

Empresas ou pessoas interessadas em contribuir financeiramente com os pesquisadores podem ligar para Marinho Neto (8842 6343) ou escrever para manoelneto@tjrj.gov.br "Vamos organizar um farto material com o intuito de criar um museu com um grande acervo de fotos, documentos, filmes e relatos importantes", declara Marinho, que tem planos de trazer o fotógrafo da marinha americana Jack Harrison para o lançamento de um livro ainda sem data de lançamento.

Códigos eram decifrados no banheiro

Do seu "primeiro quartel general", Jamison seguiu para a Rampa, à beira do Rio Potengi, onde trabalhou no escritório da Pan Air do Brasil. Era lá que ele supervisionava a chegada dos Pan American's Clippers, aviões que vinham da África com militares descharacterizados. No banheiro do escritório, sentado no vaso sanitário, ele decodificava (código morse) as mensagens que chegavam dos Estados Unidos, como também enviava as informações sobre a nossa população, hábitos, geografia, infra-estrutura, além da movimentação de alguns oficiais alemães na região. Próximo à Rampa, em 1941, ele descobriu o Clube dos Oficiais Alemães.

De acordo com Jamison, os alemães tinham um hidroavião nas margens do Potengi apelidado afetuosamente por eles de Walfish ("Wal", ou "whale", em português, "baleia"), que fazia o percurso Bathurst (Gambia)/Natal. O americano conta que os germânicos bateram em retirada com o hidroavião em 1942, mas o clube, situado na esquina do antigo atracadador da Rampa permaneceu. Atrás do bar do clube, Jamison viu o seguinte poema:

*Über'm Bach fliegt der Wal
Zwischen Bathurst und Natal
Er ist nicht schnell, doch sehr stabil
Wer langsam fliegt kommt auch zum Ziel!*

Em uma tradução livre para o português seria algo como:

*Sobre o mar voa a baleia
Entre Bathurst e Natal
Não é veloz, mas estável
Sem pressa, certo, irá chegar!*

O clube não existe atualmente e Jamison declara que ele poderia ter sido um bom museu para a história de Natal. Sentado na grama do late Clube de Natal, onde parou para tomar uma água, elogiou a paisagem. "Eis a vida boa", disse olhando para os lados. É por isso que os europeus estão vindo para cá. "O que mais minhas filhas me recomendam é que eu não venda o apartamento que tenho aqui. Elas adoram a língua portuguesa e a comida local", falou extasiado.

Com cuidados com sua saúde, perguntamos se Jamison estava cansado. "Estou cansado, mas não importa. Estou muito alegre", respondeu. "Onde fica o Wonder Bar? Ele ainda existe?" perguntou ele sobre o lugar de diversão de alguns militares, onde tomavam drinks e conheciam as "moças" da cidade. Jamison não chegou a frequentar o Wonder Bar. "Eu gostava muito de sexo, mas estava ocupado demais. Eram 19 horas de trabalho diário", conta justificando a sua ausência. No local, hoje funciona a Escola de Dança do Teatro Alberto Maranhão (Edtam). Quando chegou ao quintal, olhando para as árvores que ele acredita não existirem em sua época de oficial, setenciou: "Aqui era uma casa de prostituição muito bem bolada". Depois desse "retorno às origens", Jamison se dirigiu para a sua casa. "Foi um dia sensacional", finalizou a "água".

TEMAS

Segunda, 17/12/2007

20h15h

AO VIVO

Câmara Cascudo e a UFRN

Apresentado por: **ROGÉRIO CRUZ**

Participantes:

Durval Muniz Historiador e Professor da UFRN	Roberto Silva Professor da CEFET (Paraná)
André Sales Escritor e Antropólogo	Moisés de Lima Diário de Natal

Participar pelo telefone: 3215-3267

SE VOCÊ QUER COMPRAR, COMPRAR, COMPRAR, LEIA OS CLASSIFICADOS DO DIÁRIO DE NATAL.

ANUNCIE: 4009.0200

DIÁRIO DE NATAL